

**O PARTIDO DOS DEUSES: UM ENSAIO SOBRE A
CONSTRUÇÃO DO DISCURSO HEROICO A PARTIR DE
FIGURAS CLÁSSICAS NO CANTO I D'OS *LUSÍADAS***

João Paulo da Silva Nascimento (UFRJ)

jpn0401@gmail.com

Danielle Reis Araújo (UFRJ)

dannyreisaraujo@gmail.com

RESUMO

A presente análise tem por objetivo tecer criticamente um comentário a respeito de como o episódio do concílio dos deuses, no canto I d'*Os Lusíadas*, de Luís de Camões, fortalece o discurso heroico, por meio do qual se legitima a figura de Portugal como verdadeiro protagonista da épica. Para tanto, tomam-se como base ideias do crítico português Helder Macedo presentes em sua obra *Camões e a viagem inciática*, de 1980, a fim de sustentar os aspectos aqui evocados de modo coerente em relação à proposta literária da epopeia camoniana. Assim, admite-se que as figuras clássicas, da maneira como representadas no episódio em pauta, podem ser lidas como imagens que conjugam, ao mesmo tempo, uma característica tradicional do gênero épico e uma maneira de legitimar heroicamente o peito lusitano.

Palavras-chave: Camões. Discurso heroico. Figuras clássicas.

ABSTRACT

The objective of the present analysis is to critically comment on how the episode of the Council of the Gods, in the song I d'*Os Lusíadas*, by Luís de Camões, strengthens the heroic discourse through which the figure of Portugal is legitimized as true protagonist of the epic. To this end, the ideas of the Portuguese critic Helder Macedo present in his work *Camões and the inciatic voyage* of 1980 are based on, in order to support the aspects evoked here in a coherent way in relation to the literary proposal of the Camonine epic. Thus, it is accepted that the classic figures, as represented in the episode in question, can be read as images that combine both a traditional characteristic of the epic genre and a way of heroically legitimizing the Lusitanian breast.

Keywords: Camões. Classic figures. Heroic speech.

1. Considerações iniciais

Inegavelmente, a própria história de Portugal, desde seus primórdios, põe-se fortemente relacionada à mitificação, haja vista o fato de sua fundação ser justificada pelo mito de Ulisses, segundo o qual o herói da Odisseia, ao regressar de sua aventura épica, teria fundado a cidade de

Lisboa, ficando ali os primórdios de uma grandeza a ser perpetuada. Assim, tal mito presente, inclusive, nas literaturas de Fernando Pessoa e de Luís de Camões, respectivamente nos poemas “Primeiramente”, “Ulisses” e “Os Lusíadas”, consiste na crença difundida como ponto de partida da nação portuguesa. Notadamente, essa referência à cultura clássica representa um movimento de busca por uma identidade igualmente rica em seus aspectos culturais e literários, na medida em que a figura do herói como fundador da capital portuguesa consagra a estima por determinada grandiosidade nacional.

Da mesma maneira, apesar de não remissivo à cultura clássica, mas seguindo a mesma lógica mítica, o enredo através do qual o milagre de Ourique (evento também presente n’*Os Lusíadas*) veio à tona segue ao encontro da tentativa de buscar no mito uma justificativa da identidade portuguesa como característica remissiva à predestinação de grandes feitos. De acordo com a história, Jesus Cristo teria aparecido para o Rei Afonso Henriques em ajuda na batalha de Ourique contra os mouros no século XII para revigorar o sentimento de que Portugal era uma nação eleita pelo Deus cristão. Entretanto, o que chama atenção é precisamente o fato de o milagre só ter vindo a conhecimento de todos no século XIV, contexto que dispunha de demasiado enfraquecimento da coroa portuguesa, o que parece ter sido uma nova tentativa de utilização do mito como forma de reassumir o foco na noção de grandeza nacional cantada n’*Os Lusíadas*.

Percebe-se, pois, que a identidade cultural portuguesa estabelece uma estrita relação com a disseminação de mitos atrelados ao valor de Portugal, os quais, dentre muitas atribuições, conferiram força à afirmação e ao avanço da nação. Desse modo, tal característica portuguesa expõe a máxima empirista da proximidade entre mitologia e história, abrindo caminho à tradição literária e ao modo como esta se reflete na criação de uma identidade basilar anunciada por Camões épico.

Em vista disso, este ensaio tem como objetivo produzir uma análise inicial sobre a presença de determinadas figuras mitológicas clássicas n’*Os Lusíadas*, de Luís de Camões, bem como a maneira como se constituem no fluxo de uma epopeia sustentada em valores cristãos. Trata-se, assim, de um breve comentário crítico acerca das figuras de Baco, Vênus, Marte e Júpiter, mais especificamente da maneira como o poeta recorre a tais personagens no canto inicial e deles se vale na composição de seu poema épico, demonstrando determinadas nuances e valores a eles arro-

lados ao longo da exortação aos grandes feitos lusitanos e exibindo o equilíbrio entre uma concepção cultural de mundo nos moldes do pensamento cristão e as demandas do próprio gênero literário em pauta.

2. Para entender Camões épico: primeiramente, Helder Macedo

A presente seção emerge na pretensão de consolidar, em tom de resenha, alguns aspectos sobre *Os Lusíadas* trazidos à tona pelo crítico português Helder Macedo em sua obra *Camões e a Viagem Iniciática* (1980), mais especificamente na parte segunda, na qual o autor trata sobre a épica camoniana. Em vista disso, ressalta-se que a primeira parte do livro, a qual trata de Camões lírico, não será tomada como foco de estudo na composição desta etapa, apesar de se reconhecer aqui, em consonância aos estudos realizados no âmbito da teoria e crítica literárias a respeito de Camões, a tamanha confluência de gêneros literários que se vê concertada n'*Os Lusíadas* – fator considerado por Helder Macedo e, portanto, a ser retomado neste texto. Atemo-nos, pois, a olhar somente para a maneira como o autor tece suas considerações sobre a epopeia camoniana, destacando seus aspectos sobressalentes e caros à compreensão da história e cultura portuguesas e, por conseguinte, ao cânone literário de língua portuguesa.

Primeiramente, deve-se destacar que *Os Lusíadas* cumprem com a função de garantir a memória de Portugal – movimento que já se punha em questionamento por diversos outros poetas anteriormente –, na medida em que respondem a uma exigência contextual do século XVI, ornamentando-se como a ficção da própria ficção e cumprindo com a expressividade típica de uma epopeia ao cantar em celebração as grandezas do Ocidente. Nesse sentido, Helder Macedo, ao propor a natureza simbólica da viagem que a obra representa, expõe que “um poema épico tende a significar, como discurso de segundas intenções, um percurso espiritual, uma viagem iniciática personalizada num herói” (MACEDO, 1980, p. 33).

Por se tratar de uma epopeia, *Os Lusíadas* se dividem em três momentos, a saber: a chamada, a viagem propriamente dita e o regresso, o que, para respeito da própria estrutura do gênero, o assemelha às tradições épicas que sustentam as bases ocidentais, tais como a *Eneida*, a *Ilíada* e a *Odisseia*. Entretanto, em relação à análise de sua tessitura poética, são bem-vindas algumas ressalvas alertadas por Helder Macedo a

respeito da figura do herói na epopeia camoniana, posto que, para ele, Vasco da Gama não corresponde, necessariamente, às figuras de *Eneida* e *Ulisses* justamente por conjugar marcas do narrador da epopeia, isto é, Camões – o verdadeiro herói. Em suas palavras, “os *Lusíadas*, assim, são um poema épico em que a presença pessoal do autor mais vivamente se faz sentir” (MACEDO, 1980, p. 34).

Além disso, enquanto uma epopeia cristã, nota-se que o poeta se vale de diferentes atributos para ornamentar seu decoro, sendo um deles a polifonia, que é marcada por meio da alteração sucessiva de sujeitos que falam. Tal fato, porém, de acordo com Helder Macedo, não faz com que o foco d’*Os Lusíadas* se perca, haja vista o fato de que a devoção à pátria, o cantar ao ilustre peito lusitano e o reforço em indexar o reino português como o eleito perante os demais mantêm-se a todo momento resguardado. Daí, ressalta-se a relação metafórica extremamente importante entre as “armas” – anunciadas já no primeiro verso do poema – e as “letras”, isto é, o próprio fazer poético, como um proponente norteador de todo o percurso heroico em que se fundem personagens e poeta, discursos e excursos.

A propósito disso, destaca-se também n’*Os Lusíadas* uma proposta também vista em Cesário Verde e em Fernando Pessoa postumamente, a saber, o manejo da história enquanto objeto de poesia. Essa confluência entre história, poesia e memória nacional é o que configura e sustenta um modelo literário iniciático, uma vez que o poema é, em si, a própria personificação da viagem. Logo, para além de sua riqueza estético-literária nos conformes estruturais da epopeia, é-se perceptível na épica camoniana uma “porta de entrada” para a exploração de aspectos históricos e culturais de Portugal, cuja própria formação encontra-se fortemente atrelada à mitificação.

Em razão disso, Helder Macedo mensura que “o valor da história, para Camões, parece, portanto, ter mais a ver com a determinação do futuro do que com a celebração do passado” (MACEDO, 1990, p. 38). Isso porque, na epopeia camoniana, são vistos dois tempos, o da narrativa e o da história, que não constituem um par dicotômico, mas antes se complementam de modo a promoverem – favorecidos sobretudo pela estrutura lírica que trabalha em prol da manutenção do tom épico – uma relação intrínseca entre passado, tempo presente dos acontecimentos cantados e futuro. Isso posto, ao cantar os grandes feitos do peito lusitano, o que Camões faz é justamente construir um apogeu de glória portuguesa, visto

que o poema reforça o sentimento de nacionalidade, que *per se* revela relação com a futuridade, na medida em que faz do passado sublime, da história propriamente dita, objeto da ficção.

Por fim, com base nas considerações de Helder Macedo, chega-se ao consenso de que a épica Camoniana organiza-se em torno de um esquema de relações simbólicas altamente centrada na proposta de imortalização lusitana, no sentido de que coaduna o factível ao ficcional, a fim de tornar conhecido e digno de louvor os grandes feitos de um povo cristão, desbravador e predestinado dentre muitos. Por isso, suas imagens, suas vozes e seus episódios orquestram-se de modo singular, tomando como cerne os percalços triunfantes, a exortação imperativa e a composição estilística plural e revolucionária a seu tempo.

3. O partido dos deuses no canto I d'Os Lusíadas

Em primeiro momento da análise, deve-se considerar que já no canto I d'Os Lusíadas observa-se uma recuperação dos modelos clássicos, antes mesmo de os personagens da mitologia greco-romana serem introduzidos, mas na própria estrutura mantida por Camões, que relata o assunto de que tratará, roga inspiração às musas do Tejo e dedica a obra a D. Sebastião, então rei de Portugal. Pode-se dizer que essa é a primeira grande marca dos ecos da tradição clássica na epopeia camoniana, a qual a acompanhará até o fim de toda a trama, haja vista a especificidade do gênero, aproximando-o à Eneida, à Ilíada e à Odisseia, em alguma medida, no aspecto formal.

No entanto, mantemo-nos focados ao que se propõe este ensaio: as figuras de Baco, Vênus, Marte e Júpiter. Ainda no canto I, a presença de tais personagens é pressentida n'Os Lusíadas, dado que este se inicia com o episódio do concílio dos deuses do Olimpo, em que se vê uma situação descompassada promovida, por um lado, pela instauração de um discurso favorável aos portugueses por parte de Júpiter, Vênus e Marte e, por outro, pela oposição declarada de Baco, quem tentará contra a viagem de Vasco da Gama ao longo da narrativa.

O episódio acima mencionado se desenvolve a partir da estrofe de número 20 do canto I, sendo o discurso de Júpiter estendido até a estrofe de número 29, na qual se sintetiza sua amistosidade com o povo lusitano:

E porque, como vistes, têm passados
Na viagem tão ásperos perigos,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Tantos climas e céus experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos,
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana como amigos;
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

Prontamente, segue-se à fala de Júpiter a oposição de Baco, nas estrofes de números 30, 31 e 32, abaixo reproduzidas:

Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deuses, por ordem respondendo,
Na sentença um do outro diferia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

Ouvido tinha aos Fados que viria
ũa gente fortíssima de Espanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da Índia tudo quanto Dóris banha,
E com novas vitórias venceria
A fama antiga, ou sua ou fosse estranha.
Altamente lhe dói perder a glória
De que Nisa celebra inda a memória.

Vê que já teve o Indo sojugado
E nunca lhe tirou Fortuna ou caso
Por vencedor da Índia ser cantado
De quantos bebem a água de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado
Seu tão célebre nome em negro vaso
D'água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portugueses que navegam

Nitidamente, Camões ornamenta, por meio da disposição de dois deuses da mitologia clássica, uma situação de impasse na decisão do destino português. Curiosamente, destaca-se o fato de o poeta representar, de antemão, a figura de Júpiter – o deus supremo do Olimpo, senhor dos raios – como favorável à sorte lusitana, tendo em vista que, ao longo de seu discurso, o poeta usa da linguagem para mostrar como mesmo o senhor do concílio dos deuses reconhece que o destino tem se posto a favor dos portugueses.

Além disso, deve-se ressaltar também que a maneira engenhosa como Camões pontua a oposição de Baco no contexto inicial da epopeia é uma forma de enaltecer a grandiosidade portuguesa, uma vez que tal

posicionamento do deus emerge frente ao medo de que suas próprias conquistas não sejam páreas às dos lusos e, por conseguinte, caiam em esquecimento. Essa certamente mostra-se uma ocasião em que Camões vale-se de artefatos clássicos tanto para conferir a seu poema o tom épico, quanto para ratificar seu propósito primordial com a composição da obra: realçar a suntuosidade do povo português.

Nesse sentido, antes de adentrar à defesa de Vênus corroborada por Marte, faz-se oportuna a consideração de que as duas primeiras figuras clássicas mencionadas no episódio do concílio divino, no canto I, são, em si, simbólicas para o reforço da notoriedade de uma nação cristã e, portanto, eleita à realização de atos heroicos. Se, por um lado, o apoio espontâneo de Júpiter traz à tona o reconhecimento máximo no Olimpo, isto é, uma menção notavelmente honrosa, por outro, a inveja de Baco, também um deus, acentua mais ainda a valoração das obras portuguesas. A esse respeito, devemos lembrar, que “um poema épico tende a significar, como discurso de segundas intenções, um percurso espiritual, uma viagem inciática personalizada num herói” (MACEDO, 1980, p. 33), a fim de precisarmos a análise dessas figuras míticas em vista da construção do legado português n’*Os Lusíadas*.

Seguindo o fluxo da análise, deparamo-nos com a defesa de Vênus, a deusa do amor, da beleza e do erotismo, nas estrofes de números 33, 34 e 35. Esse acontecimento reitera a fala de Júpiter e, portanto, merece destaque:

Sustentava contra ele Vénus bela,
Afeiçoada à gente Lusitana
Por quantas qualidades via nela
Da antiga, tão amada, sua Romana;
Nos fortes corações, na grande estrela
Que mostraram na terra Tingitana,
E na língua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a Latina

Estas causas moviam Citereia
E mais, porque das Parcas claro entende
Que háde ser celebrada a clara Deia
Onde a gente belígera se estende.
Assi que, um, pela infâmia que arreceia,
E o outro, pelas honras que pretende,
Debatem, e na perfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.

Qual Austro fero ou Bóreas na espessura
De silvestre arvoredo abastecida,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Rompendo os ramos vão da mata escura
Com ímpeto e braveza desmedida,
Brama toda montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto, levantado
Entre os Deuses, no Olimpo consagrado.

Na defesa da deusa, percebe-se que um fator de peso por ela considerada é a relação de verossimilhança entre o povo lusitano e os seus antepassados latinos. Isso, por si só, pode ser lido como uma tentativa de Camões de demonstrar que a magnificência de seu herói cantado, isto é, Portugal, é precedente desde o povo que lhe dera origem. Ademais, mostra-se um tanto quanto sugestivo que a defesa parta justamente da deusa do amor, sentimento tomado como a expressão do próprio cristianismo – crença em torno da qual o poema gira.

De modo a fortalecer a decisão de Vênus, por quem era apaixonado, Marte, o deus da guerra, surge em apoio à esquadra de Vasco da Gama, nas estrofes de números 36, 37 e 38. Há, inclusive, na 38^o estrofe, uma acusação de Marte a Baco:

E disse assi: – «Ó Padre, a cujo império
Tudo aquilo obedece que criaste:
Se esta gente que busca outro Hemisfério.
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério,
Como há já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito.

Dessa maneira, mais uma vez, vê-se um deus guardião de um artefato primordial à composição de uma epopeia, a guerra, pondo-se como testemunha da altivez portuguesa. Ainda que não haja uma guerra propriamente declarada n^os *Lusíadas* – característica que o distingue das epopeias clássicas, que narram *in media res* seus eventos no contexto de guerras importantes –, ao opor Vênus, defensora do Ocidente, a Baco, na obra defensor dos povos mais inclinados ao Oriente, Camões constrói um entrave entre esses dois lados, obviamente tomando partido do Ocidente, representado ao longo da epopeia pela soberania Lusitana.

Assim, em concórdia com as falas de Vênus e Marte e de encontro a Baco, Júpiter concede parecer final em favor dos portugueses, na estrofe de número 41:

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentiu

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No que disse Mavorte valeroso
E néctar sobre todos esparziu.
Pelo caminho Lácteo glorioso
Logo cada um dos Deuses se partiu,
Fazendo seus reais acatamentos,
Pera os determinados apousentos.

Com isso, deve-se salientar que o concílio dos deuses do Olimpo, já no primeiro canto d'*Os Lusíadas*, além de corresponder a determinadas exigências do gênero épico, justifica-se em uma epopeia cristã, sobretudo, pelo fato de sua presença ressaltar o preletismo da nação portuguesa. Isso posto, as imagens de Júpiter, Vênus, Marte e Baco funcionam como uma metáfora, um fundamento para as predicacões portuguesas no contexto em que fora publicado o poema épico de Camões.

Sendo assim, na construção poética de Camões, mostra-se o peito ilustre português intenso ao ponto de gerar desentendimentos mesmo entre deuses, pondo aqueles detentores do amor, do concerto do mundo e da guerra a seu favor, conforme ilustrado na análise inicial aqui tecida.

4. Considerações finais

Apesar de as figuras míticas aqui apresentadas aparecerem constantemente na epopeia camonianiana, inclusive, em episódios marcantes, tais como as armadilhas orquestradas por Baco durante os contatos com os mouros e o apelo erótico de Vênus a Júpiter, este ensaio se ateve somente ao canto I, especificamente ao impasse no concílio do Olimpo.

Dessa forma, percebemos que *Os Lusíadas* já se iniciam com a demonstração de que o discurso do heroísmo é, antes de tudo, um discurso de afirmação do poder. Na ocasião, tal afirmação dá-se por meio da remissão a personagens da mitologia clássica, que foram manejados por Camões em função da própria defesa e constituição de seu herói, a saber, os feitos portugueses com as navegações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Edição de Jane Tutikian. Porto Alegre: L&M, 2018.

MACEDO, Helder. *Camões e a viagem inciática*. Lisboa: Moraes, 1980.